



22112055



International Baccalaureate®  
Baccalauréat International  
Bachillerato Internacional

**PORTUGUESE A2 – STANDARD LEVEL – PAPER 1**  
**PORTUGAIS A2 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1**  
**PORTUGUÉS A2 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1**

Wednesday 11 May 2011 (morning)

Mercredi 11 mai 2011 (matin)

Miércoles 11 de mayo de 2011 (mañana)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

---

**INSTRUCTIONS TO CANDIDATES**

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Section A consists of two passages for comparative commentary.
- Section B consists of two passages for comparative commentary.
- Choose either Section A or Section B. Write one comparative commentary.
- It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

**INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS**

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- La section A comporte deux passages à commenter.
- La section B comporte deux passages à commenter.
- Choisissez soit la section A, soit la section B. Écrivez un commentaire comparatif.
- Vous n'êtes pas obligé(e) de répondre directement aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le souhaitez.

**INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS**

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- En la Sección A hay dos fragmentos para comentar.
- En la Sección B hay dos fragmentos para comentar.
- Elija la Sección A o la Sección B. Escriba un comentario comparativo.
- No es obligatorio responder directamente a las preguntas de orientación que se incluyen, pero puede utilizarlas si lo desea.

Escolha a Secção A **ou** a Secção B.

## SECÇÃO A

*Analise e compare os dois textos seguintes.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre os textos e o(s) seus(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário comparativo.*

### Texto 1

#### 17 de Novembro de 1996

Na manhã do próximo dia 17, a despedida do Casvic – barco que fará novamente o percurso desbravado por Vasco da Gama – provavelmente não será aclamada por uma multidão de entusiastas populares. Nem haverá missa ou ladainha de sacerdotes, quando se fizer ao mar.

5 Espera-se, contudo, na Doca de Belém, o aceno dos lenços brancos de um punhado de apoiantes e de algumas personalidades do Governo. Já não está mal para uma empreitada que começou com muitos adeptos e que agora conta apenas com a teimosia de um navegador que sabe bem o que o espera no Atlântico e no rebelde Índico.

#### Do ar para o mar

- 10 Chama-se Manuel Gomes Martins, tem 47 anos, é comissário de bordo e não é um novato em aventuras oceânicas. O mar está presente na sua vida desde os tempos de infância, quando vivia em Moçambique, com o Oceano Índico apenas à distância de dois passos de casa. Teve vários barcos e construiu os dois últimos – um dos quais o Casvic – com as próprias mãos, de raiz.
- 15 Agora, depois de cinco anos sem grandes viagens, este lobo-do-mar prepara-se para o novo desafio de repetir a viagem de Vasco da Gama à Índia. Explica que escolheu este percurso mais pelo homem que o descobriu há 500 anos, do que propriamente pelo que há-de encontrar pelo caminho “esta é uma viagem lindíssima, o Índico tem coisas espectaculares. Mas, mais do que isso, vale a pena comemorar um homem como Vasco da Gama”. Acrescenta “as minhas experiências
- 20 anteriores ajudam a ter uma noção mais exacta do que é preciso em termos de comida e medicamentos. Muita coisa levo já de Lisboa. As coisas frescas é que têm de ser compradas nos locais onde desembarcar, mas também pretendo pescar pelo caminho” – explica o navegador dos nossos tempos.

No jornal *Notícias Magazine*, Portugal (1996)

**Texto 2**

**Pedro Álvares Cabral**

	Fazem-se ao mar os navios comandados por Cabral deixando a perder de vista as terras de Portugal.		Navegando, navegando chegaram no mês de Abril a uma terra de mil cores depois chamada Brasil.
5	Diz-se que vão para a Índia seguindo a rota do Gama partem com honras e pompas buscando a glória e a fama.	25	Foi terra dos Papagaios o nome primeiro que teve terra de frutos macios com uma aragem quente e leve.
10	Segue a bordo com Cabral um conhecido escrivão chamado Vaz de Caminha para contar a expedição.	30	Viviam lá os guaranis que se deixaram deslumbrar com as vestes e as armas dos homens vindos do mar.
15	Em carta que irá escrever ao seu rei D Manuel dará conta do que viu passando o sonho ao papel.	35	E Pêro Vaz de Caminha tudo viu e descreveu desse mundo tão diferente onde o sonho aconteceu.
20	Não é a Índia que buscam estes hábeis navegantes mas sim uma outra terra que ninguém avistou antes.	40	Chamada de Vera Cruz esta nova terra achada foi má notícia para Espanha que não sabia de nada.

José Jorge Letria, *Pedro Álvares Cabral*, Portugal (2000)

- Identifique e mostre as diferenças de género (prosa e poesia) e de registo (não literário e literário) entre os dois tipos de textos.
- Identifique os meios utilizados pelos autores para atingirem diferentes tipos de público.
- Identifique e comente a forma como as referências feitas a contextos históricos enriquecem e complementam os textos apresentados.

## SECÇÃO B

*Analise e compare os dois textos seguintes.*

*Aponte as semelhanças e as diferenças entre os dois textos e o(s) seu(s) respectivo(s) tema(s). Inclua comentários à forma como os autores utilizam elementos tais como a estrutura, o tom, as imagens e outros artifícios estilísticos para comunicar os seus propósitos. Não é obrigatório responder directamente às perguntas orientadoras que são facultadas. No entanto, pode usá-las como um ponto de partida para elaborar o seu comentário.*

### Texto 3

As modas nas palavras variam continuamente. E o que acontece no referente ao corte das calças e ao feitiço das camisolas acontece nas ideias, na política, nos costumes, na linguagem, em suma, na vida. Pouco a pouco, quase sem repararmos, insidiosamente, às vezes até contra

- 5 Ainda ontem, por exemplo, dei comigo a concluir um diálogo telefónico com esta palavra rematadora: - Certo.

- 10 Pronto – pensei, a arranhar o couro cabeludo – já se me pegou a última moda espalhada não sei por quem para a esquerda e para a direita, em substituição de “com certeza”. Agora, em lugar de “pois sim”, a moda é pronunciar a palavra “certo” mesmo a despropósito. “Certo” a torto e a direito...

As modas nas palavras como nos vestidos variam continuamente. As saias ora sobem, ora descem. Neste momento, no que se refere à linguagem, vivemos na era económica, das palavras curtas como “certo” e o “pois”. “Pois isto...”, “Pois aquilo...”, “Pois compreendo

- 15 A moda não tardará a diluir-se, claro. Como já se sumiu, (ou quase) o horrível “à base de”, “o género”, a “actual conjuntura”, etc. Mas, entretanto, que remédio, ouvir e repetir a papel químico as palavras que nos entram pelos ouvidos a ferro e fogo e acabam por sair de qualquer maneira pelas nossas tristes bocas, tornadas impessoais neste acotovelar dos cafés, no metro, no autocarro, nos escritórios de trabalho.

José Gomes Ferreira, *Gaveta das Nuvens: Tarefas e Tentares Literários*,  
Lisboa: Moraes Ed., Portugal (1980)

## Texto 4

### O eufemismo

Este mesmo sentimento das conveniências sociais leva-nos muitas vezes a atenuar a dureza e a franqueza de certas expressões, que evocam imagens grosseiras ou desagradáveis. Certos termos que exprimem a morte, o furto, a embriaguez, a idiotia, a mentira, *etc.*, requerem eufemismos, isto é, meios expressivos que adocem a brutalidade ou a inconveniência social dessas ideias. Para o homem nada mais terrível do que a morte. Pois bem, na vida social, o vocábulo que define a ideia pura – morrer – é suavizado pelos seguintes eufemismos: falecer, expirar, partir, acabar, perecer, ir para o céu, finar-se, fechar os olhos, entregar a alma a Deus, passar-se, *etc.* Tudo expressões que procuram atenuar a fealdade do horrível transe. E quando se anuncia no jornal a morte de alguém, pessoa católica e de bom-tom, a sua família não escreve, seca e trivialmente, morreu, mas sim um longo circunlóquio eufemístico: Foi Deus servido chamar à sua divina presença Fulano de Tal.

O emprego do eufemismo também caracteriza certas camadas sociais. A um homem do povo que comete um furto, os jornais não hesitam em atribuir ao ladrão, ao gatuno, o roubo que praticou; mas se um homem de alta sociedade cometeu o mesmo crime, então os redactores adoçam servilmente a frase e escrevem: desvio de fundos, fraude, alcance *etc.* O povo observou perfeitamente esta injustiça e fez sobre ela um provérbio admirável: “Quem rouba um pão é ladrão; quem rouba um milhão é barão”.

Um homem do povo não se embriaga; isso é próprio de gente fina; o plebeu embebeda-se, e, empregando termos de gíria popular, toma a carraspana, o pifão, o pileque, fica grosso, *etc.*

Rodrigues Lapa, *A estilística da língua portuguesa*, Coimbra Ed., Portugal (1984)

- Identifique as principais semelhanças de estilo e as diferenças de objectivos dos dois textos.
- Comente as semelhanças e as diferenças de tom que encontra entre os dois textos (crítico, irónico, sério, *etc.*).
- Compare e comente os exemplos apresentados nos dois textos, relacionando-os com o tema.